

# Opinião

opinião@rac.com.br

## andré fernandes

### Cultura moderna e linguagem

A cultura, até o advento da modernidade, compreendia quatro grandes dimensões: intelectual, moral, material e prática. Uma boa definição diz que a cultura é um sistema de conceitos herdados (intelectual), um conjunto de padrões de comportamento (moral), um sistema de significados caracterizados por símbolos (material) e uma série de convenções que cuidam das relações humanas (prática), por meio dos quais o ser humano desenvolve, comunica e perpetua seu conhecimento e seu comportamento em relação à vida.

De uns tempos para cá, a cultura ocidental ajudou e favoreceu a promoção de novas culturas, mas algumas delas separadas do sistema ético clássico, o qual tinha a tarefa de dar uma certa coerência entre a cultura e as outras dimensões da vida humana. Algumas posturas, como o individualismo, o instrumentalismo (combinação do racionalismo econômico com o darwinismo social), o emotivismo e o secularismo, são sinais evidentes daquele divórcio entre a ética e a estética.

A par disso, no âmbito institucional, a sociedade tomou cada vez mais "contratual", quero dizer, os indivíduos reúnem-se para pensar e debater a partir de novas estruturas de sociabilidade, fruto de um acordo de vontades. Numa sociedade assim, a verdade social é absoluta, porque produzida a partir da razão do grupo num dado momento (por exemplo, a noção de vida) e pode ser alterada a depender do momento em que foi elaborada.

Essa postura consensual é muito importante e útil para a resolução da maioria das questões sociais. Mas, quando a mesma postura resolve atuar em outros campos, como o dos absolutos morais, o samba deba de ser de uma nota só.

Diariamente, assistimos a vários exemplos. O relativismo, que mina a possibilidade de busca da verdade objetiva e a correta relação entre esta e a consciência. Se tudo é relativo, então o próprio relativismo é relativo e, logo, não pode ser tido como um valor absoluto. E o relativismo tem provocado, no campo jurídico, um enfraquecimento, cada vez maior, da proteção legal para toda vida humana, desde a fecundação até seu fim natural.

Também é preocupante o deslocamento da centralidade do matrimônio e da família para figuras assemelhadas e pouco condizentes com uma realidade antropológica objetiva, no âmbito da estrutura legal dessas relações. A dissociação das relações entre a razão e o fé, entre filosofia e teologia, é evidente, porque o secularismo

nega o potencial de verdade a uma visão de mundo religiosa, porque seria fruto de uma "revelação" ou de um mito. E, desde Kant, enfrentamos o problema do divórcio entre filosofia e ciência, agravado pelo positivismo, que via a ciência como uma religião e uma filosofia.

Uma resultante daquela postura contratual, nessas delicadas áreas do saber, é a manipulação da linguagem: o significado das palavras varia muito e passa a depender das determinações da vontade daqueles que definem seu conteúdo. Temos um bom exemplo no âmbito do direito de família, cujo nome já foi vítima daquela manipulação: há algum tempo, passou a ser chamado de "direito das famílias"...

Na ausência de um mínimo ético, de um objetivo comum de felicidade e de uma filologia comum (como a virtude, bondade, verdade e beleza), a lei passa a fornecer os paradigmas e as definições e, ao fim, torna-se o primeiro sistema válido para resolver disputas pessoais ou sociais, quando deveria ser o último a ser maneado.

A linguagem clássica e peregrina do matrimônio deu lugar a uma linguagem substituída: "cônjuge" virou "companheiro", que sempre foi sinônimo de colega, ou "parecido", termo tomado de empréstimo junto à tradição contratual do direito romano-germânico. Em ambos os casos, as expressões estão bem longe de expressar um amor de aliança, fiel e exclusivo.

O termo "família" já vem sendo usado como termo genérico para descrever uma vasta gama de relações. Atualmente, refere-se a vinte e uma diferentes definições de relacionamentos, dos quais o matrimônio é somente mais um. Nesse ritmo, daqui a alguns anos, provavelmente, o verbete terá um dicionário exclusivo.

Toda história do homem está impregnada de reflexão sobre a linguagem e suas formas de manipulação. Platão já se defendia com os sofistas, pois eles deturpavam o uso da linguagem. Górgias, famoso sofista e exímio orador, até virou nome de um dos diálogos platônicos, onde foi tematizado o valor e a função da linguagem, como instrumento de poder ou como instrumento de verdade. Como Platão, hoje, compete a cada um de nós descobrir o charlatanismo linguístico que ocupa boa parte dos discursos sociais e, à semelhança do mestre grego, submetê-lo ao diálogo. Com respeito à divergência, é o que penso.

■ André Gonçalves Fernandes é juiz de Direito e professor do Instituto Internacional de Ciências Sociais agf@mandades@igsp.jus.br

“Ela sabe que vai ter que andar com dificuldade, que vai ser humilhada esperando uma cadeira de rodas.”

Silvana Cristina, filha da aposentada Clarice Marin, que chora toda vez que precisa ir à Policlínica 3



## dalcio



## ECONOMIA

# É o câmbio, estúpido!

INGO PLOGER E CARLOS WAACK

A frase original “It’s the economy, stupid”, que foi usada durante a campanha de eleição à presidência dos EUA em 1992 por Bill Clinton, tenta colocar de maneira bastante direta qual era o principal assunto a ser considerado nas eleições americanas. No Brasil, em 2012, é o câmbio.

O câmbio sobrevalorizado está destruindo a indústria no Brasil. A participação da indústria de transformação no PIB brasileiro caiu de 19,2% para 14,6% nos últimos oito anos. O cenário internacional sugere que a desvalorização das moedas

de referência continuará e as exportações futuras do pré-sal pressionarão ainda mais a valorização do Real frente a outras moedas.

Nesse debate, duas correntes de pensamento se confrontam. Os industriais que produzem no Brasil, que veem suas empresas perderem a competitividade frente aos importados; e os importadores, acompanhados dos segmentos comerciais e financeiros, que ganham mercado e resultados.

A velocidade da valorização cambial é muito maior do que os melhores ganhos de produtividade nas empresas, e maior do que as mais rápidas mudanças estruturais possíveis. As explicações para essa valorização são várias. Responde-se que acontece principalmente via o

mercado futuro de câmbio, onde se rege o “carry trade”. Países com baixas taxas de juros tomam empréstimos baratos e aplicam em países com altas taxas. Como o Brasil tem taxas elevadas, há uma enorme pressão no mercado futuro de câmbio para comprar ativos em real.

Outra resposta é a enorme demanda por commodities e o subsequente aumento de seus preços. Sendo o Brasil um exportador de commodities, a demanda causa a valorização da moeda. Aponta-se ainda a divergência entre as taxas de inflação do Brasil e de parceiros comerciais como os EUA, UE e China. A inflação brasileira tem superado consistentemente as taxas desses parceiros, aumentando a demanda por reais.

Usando o índice de taxa de câmbio publicado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), percebemos que desde meados de 2004 houve uma forte valorização do Real (50,9%). Neste mesmo período, a produtividade industrial brasileira apresentou ganho na ordem de 20% a 40%.

As melhorias, porém, não são suficientes para contrapor a perda cambial. O câmbio anulou todos os ganhos no período e, ainda assim, se mantém valorizado!

O crescente influxo de importações é apontado como um dos fatores que mantiveram a taxa de inflação no Brasil sob controle. Mas, no longo prazo, em um cenário em que seriam apenas exportadores de commodities, não haverá renda ou emprego suficientes para comprar os produtos do exterior. No longo prazo, o que vai determinar a competitividade da indústria é a taxa de produtividade. No entanto, com um câmbio muito valorizado, a indústria tem pouca chance de sobreviver. Não haverá um longo prazo para a indústria!

A exorbitante carga tributária para um País em desenvolvimento, os altos juros reais, a in-

dequada infraestrutura, a guerra fiscal e a falta de mão de obra qualificada são importantes fatores que restringem a competitividade da indústria. Descontando-se os ganhos de produtividade desde 2004, a desvalorização necessária para neutralizar os efeitos nefastos da sobrevalorização está na ordem de 25%. Ou seja, restabelecer uma meta para o câmbio em torno dos R\$ 2,2 faria uma enorme diferença para as indústrias retomarem sua competitividade.

No caso de uma desvalorização, será necessário que o governo elimine seu déficit nominal, o que tiraria uma importante pressão sobre a inflação. Os recursos economizados aumentariam a taxa de investimento, que é muito baixa. Uma meta de inflação de 4,5%, cenário em que na realidade a taxa de inflação teve uma média de 5,4% ao ano desde 2004, encarece as exportações das empresas. A meta de inflação precisa ser reduzida.

Não devemos seguir o exemplo da China e atrelar o Real ao Dólar? Há até economistas que sugerem que a Zona do Euro tem de desvalorizar sua moeda em 30% para sair da atual crise. Uma desvalorização de tal ordem inviabilizaria o Brasil com produtos importados e a indústria deixaria de criar empregos e provavelmente seria diminuída à insignificância.

O foco da política econômica precisa estar no câmbio em primeiro lugar, para depois à indústria de transformação brasileira o patamar mínimo de sua sustentabilidade. Precisamos mexer no câmbio imediatamente. O governo precisa gastar menos, desvalorizar o real e baixar os impostos. Lembrem-se: é o câmbio. Em primeiro lugar!

■ Ingo Ploger é o presidente do Conselho Empresarial da América Latina – CEAL e  
■ Carlos Waack é economista da consultoria IP Desenvolvimento Empresarial e Institucional



## TECNOLOGIA

# Ciência de alimentos e saúde

JANE MENEZES GALDO

O 23º Congresso da Sociedade Brasileira de Ciência e Tecnologia de Alimentos (SBCTA) que se inicia hoje na Unicamp será mais do que um evento científico que reúne pesquisadores, professores e estudantes. Será um encontro especial porque vai celebrar os 45 anos da SBCTA, uma entidade representativa com finalidades orientadas socialmente e reconhecimento histórico de utilidade pública.

A formação de uma sociedade de pesquisadores da área de alimentos foi iniciativa do engenheiro André Tosello, que em conjunto com 70 fundadores, estabeleceu oficialmente em 1967 a SBCTA em Campinas. No final dos anos 60, a cidade se tornava um centro irradiador de formação de profissionais e de pesquisa em Ciência de Alimentos, com a inauguração da Faculdade de Engenharia de Alimentos da Unicamp e as atividades do Ital (Instituto de Tecnologia de Alimentos). Por sua importância como polo científico, Campinas, que é a sede da SBCTA, foi escolhida simbolicamente para receber o 23º CBCTA. André Tosello já previa o potencial econômico do País como produtor de alimentos e criou as bases para a profissionalização e a tecnologia dos processos. Hoje a realização de um congresso com as dimensões do 23º CBCTA é um reflexo do enorme crescimento da Ciência de Alimentos no Brasil.

Serão mais de 70 palestras e mesas redondas debatendo assuntos atuais e de interesse público. Serão apresentados mais de 700 trabalhos científicos que concorrem ao prêmio de incentivo para novas pesquisas. Foram programados sete cursos específicos que serão ministrados por pesquisadores que são referência em suas áreas. Nessa edição teremos uma Exposição Tecnológica, com representantes da indústria de alimentos, que também realizarão palestras, promovendo a importante integração entre pesquisa e aplicação prática.

Para as palestras teremos a participação de pesquisadores das principais universidades do Brasil, de órgãos públicos de pesquisa e fiscalização e de convidados dos Estados Unidos, México, Chile, Portugal e Inglaterra. Os temas das palestras são sobre sustentabilidade, eco-

nomia, processos, contaminação, segurança, mas o enfoque é o interesse público na área de saúde alimentar e prevenção de doenças. Os destaques são as palestras sobre Mídia e Obesidade Infantil, Regulação de Alimentos Saudáveis, Tendências na Redução de Sódio, Migração de Compostos de Embalagens Plásticas, Alimentos Orgânicos, entre outras.

A área de Alimentos cresceu muito no Brasil nas últimas décadas, gerando grandes conquistas, algumas pioneiras e outras desafiadas, principalmente no que diz respeito à legitimidade de novas “pseudoassociações” criadas, que têm visado apenas interesses particulares, sem qualquer transparência. A SBCTA continua, porém, firme nos seus propósitos iniciais, apontados pelos pioneiros fundadores: promover o desenvolvi-

mento de processos tecnológicos baseados em tendências internacionais e representatividade do setor e a segurança alimentar no Brasil. Foram muitos desafios nos 45 anos. Hoje a SBCTA tem 600 associados e está presente com representações em 17 estados brasileiros, com diretores de seções regionais e secretarias. Há um estatuto e um conselho para garantir a ética e a transparência dos trabalhos e principalmente das finanças. Gostaria de ressaltar o despojamento, a dedicação e o empenho de associados, diretores e presidentes, que trabalharam e continuam trabalhando voluntariamente pela SBCTA e para o progresso da sociedade brasileira. Parabéns!

■ Jane Menezes Galdo é presidente da Sociedade Brasileira de Ciência e Tecnologia de Alimentos e coordenadora do 23º CBCTA